

RENOVAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA ANÁLISE DO DISCURSO DE VERTENTE FRANCESA A PARTIR DE *GÊNESE DOS DISCURSOS*, DE DOMINIQUE MAINGUENEAU: UMA RECENSÃO COMEMORATIVA

*EPISTEMOLOGICAL RENEWAL IN FRENCH DISCOURSE ANALYSIS VIA DOMINIQUE
MAINGUENEAU'S GENÈSES DU DISCOURS: A COMMEMORATIVE REVIEW*

Fábio Luiz Nunes

Resenha da obra:

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 184 p. Col. Língua[gem], v. 27. ISBN: 978-85-88456-76-1.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; Maingueneau; Interdiscurso; Semântica global.

KEYWORDS: Discourse analysis; Maingueneau; Interdiscourse; Global semantics.

INTRODUÇÃO

Quando transferiu o foco das estruturas sintáticas estritas para as condições sócio-históricas que orientam a produção de sentido, o discurso passou a constituir um dos objetos mais relevantes dos estudos contemporâneos da linguagem. Nesse enquadramento, a análise do discurso (AD) projeta-se enquanto campo teórico que investiga a construção do sentido do texto e suas articulações com processos sociais e históricos, concebendo o discurso como objeto simultaneamente linguístico e histórico (Marinho, 2019). No âmbito dessa tradição, a *análise do discurso de base francesa* (ADF) consolidou-se na década de 1960, quando se estabeleceu uma articulação inter- e transdisciplinar entre a linguística, o pensamento materialista histórico-dialético e a psicanálise. Desde seus primórdios, autores pioneiros enfatizaram a necessidade da

reflexividade teórica e metodológica da disciplina, alertando para o risco de procedimentos analíticos automatizados e descontextualizados (Maingueneau, 1990). A emergência dessa preocupação traduziu a concepção da materialidade discursiva não mais como produto de consciências isoladas, mas como efeito de práticas sociais, formações ideológicas e transformações históricas.

Com o aprofundamento das pesquisas e a incorporação de novos objetos sociais, a ADF passou por ramificações epistemológicas que produziram distintas gerações e vertentes de análise. Segundo Arcanjo (2022), além da tendência representacional de primeira geração, caracterizada por leituras deterministas de assujeitamento ideológico, e da vertente sociocognitiva, destacou-se a *tendência enunciativo-pragmática*. Esta última aproxima a análise discursiva da linguística descritiva e dos fenômenos da enunciação, orientando a investigação para parâmetros situacionais, para a dissociação de papéis enunciativos e para as projeções de imagens de si pelos falantes. A transição para esse modelo reflete a constante revisão de categorias analíticas destinada a abarcar a instabilidade do sentido e a mobilidade dinâmica dos referentes em discursos situados (Moirand, 2020). No interior dessa orientação enunciativo-pragmática, localizam-se as contribuições de Dominique Maingueneau; formulações como a *semântica global* aprimoraram a compreensão integral do discurso ao destacar categorias analíticas tais como intertextualidade, dêixis enunciativa e as variadas modalidades de enunciação adotadas pelos sujeitos em práticas interacionais (Arcanjo, 2022).

APRESENTAÇÃO DA OBRA RESENHADA

Em 2025, comemoraram-se duas décadas da publicação da primeira edição brasileira de *Genèses du discours* (Criar Edições, 2005, 192 p.), obra do professor francês Dominique Maingueneau que foi originalmente lançada em 1984, sob o selo das Éditions Mardaga. A efeméride coincidiu com o retorno desse pesquisador ao Brasil, por ocasião do XVI Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), ocorrido em julho de 2025 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse contexto oportuno, esta resenha debruça-se sobre *Gênese dos discursos*, traduzida por Sírío Possenti e publicada pela Parábola Editorial em 2008, obra seminal de Maingueneau, cujos estudos se inscrevem nas tendências francófonas de segunda geração da análise do discurso, fortemente influenciadas pela revolução enunciativa e pragmática da segunda metade do século XX.

Conforme apontado por Lima (2014) e explicitado pelo próprio autor no prefácio às edições brasileiras de 2005 e 2008, *Gênese dos discursos* posiciona-se como uma reflexão *a posteriori*

sobre a tese doutoral de Maingueneau acerca dos discursos devotos do século XVII, constituindo sua primeira grande empreitada teórica e metodológica nesse domínio. Lima (2014) destaca que o prefácio, ao mesmo tempo que elogia a tradução de Possenti e ressalta a acessibilidade da obra ao público brasileiro, contextualiza sua publicação no cenário francês dos anos 1980, dominado pela semiótica e pela gramática gerativa, apresentando-a como uma proposta de renovação da análise do discurso, que visava ir além da abordagem althusseriana prevalecente.

O prefácio faz menção a conceitos que se tornariam, posteriormente, bastante produtivos, como *éthos* e *práticas discursivas* (noção esta retomada de M. Foucault), e discute a complexidade da *competência discursiva*. Além disso, o prefácio denuncia a insatisfação do autor, àquela época, com o tratamento marginal dado ao discurso religioso e com a falta de interesse em suas tentativas de trabalhar outros domínios semióticos, culminando na apresentação da proposta teórica do livro, que busca um novo olhar sobre as relações e práticas discursivas, baseando-se no *primado do interdiscurso sobre o discurso*. Lima (2014), a propósito, entende que o prefácio lança um desafio ao leitor para inovar a análise do discurso contemporânea.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADO DA RECENSÃO

Na introdução de *Gênese dos discursos*, Maingueneau aborda a diversidade de definições de *discurso*. Adotando a perspectiva francesa inspirada em Foucault, define-o como um conjunto de textos com inscrição histórica e regularidades enunciativas. Criticam-se visões estruturalistas por ignorarem a gênese e o contexto, propondo-se ligar funcionamento discursivo e história. Maingueneau argumenta que a intertextualidade foi pouco explorada e foca na apreensão do discurso pelo interdiscurso, integrando gênese e interdiscursividade. Ele questiona a analogia foucaultiana do discurso como “monumento”, dando relevo à *enunciabilidade* (o dizer junto ao dito). Para isso, distingue a *superfície* da *formação discursiva*, sendo o discurso a relação entre elas. Sua primeira hipótese fundamental é o *primado do interdiscurso*: a unidade de análise pertinente é o espaço de trocas entre discursos, pois a relação interdiscursiva estrutura a identidade de cada um. O autor anuncia que sua análise se desenvolverá em sete hipóteses ao longo do livro.

Em “Primado do interdiscurso”, capítulo inicial de *Gênese dos discursos*, Maingueneau confronta a *heterogeneidade enunciativa*. Distingue-se a heterogeneidade *mostrada* (marcada linguisticamente, como citações) da *constitutiva* (implícita e profunda). Nesta última, como já dito, ele ancora sua hipótese central: a primazia do interdiscurso em relação ao discurso individual. Postula-se que o interdiscurso, um ambiente de troca entre formações discursivas, precede e ajusta cada discurso, em diálogo com noções como a arquitextualidade de G. Genette e o

dialogismo de M. Bakhtin. Maingueneau, a esse propósito, define *interdiscurso* como um conjunto de formações discursivas concorrentes (em confronto, aliança ou neutralidade) que se delimitam reciprocamente numa dada região. Reconhecer seu primado implica entender que a rede semântica de um discurso é inseparável de sua relação com os outros. Essa interação opera como uma tradução e uma interincompreensão *regulada*: cada discurso internaliza o “Outro”, traduzindo-o em suas categorias e criando seu *simulacro*. A identidade discursiva emerge dessa rede relacional.

Assim, a análise desloca-se do discurso isolado para as relações constitutivas que o precedem. Seguindo o princípio bakhtiniano, a heterogeneidade é, portanto, fundadora do discurso. Todavia, como observa Motta (2008), a definição do espaço discursivo pela polêmica pode ser restritiva em certos casos. Apesar disso, a proposição do primado do interdiscurso fornece um arcabouço teórico-metodológico potente para analisar a complexa dinâmica das práticas discursivas, como evidenciam Souza-e-Silva e Rocha (2009).

No segundo capítulo do livro, “Uma competência discursiva”, Maingueneau introduz esse conceito para explicar a capacidade dos sujeitos de interpretar e produzir enunciados dentro de um discurso específico. Ele se distancia da competência linguística de N. Chomsky, focada na gramática, postulando que a competência discursiva lida com as restrições semânticas e históricas que definem a pertença a um discurso particular, utilizando a língua comum de forma específica. Não se trata de uma “gramática do discurso”, mas de um sistema que articula o discurso com a capacidade subjetiva sem ser a-histórico.

A competência discursiva é fundamentalmente interdiscursiva: ela implica reconhecer a incompatibilidade semântica com outros discursos e a habilidade de traduzir enunciados alheios nas categorias do próprio sistema, gerando simulacros do “Outro”. Nesse processo, o enunciator não falseia genuinamente a alteridade, apenas a representa a partir de sua própria competência. Como salientam Souza-e-Silva e Rocha (2009), essa noção, em diálogo crítico com Chomsky, foca em filtros semânticos que definem a pertença à formação discursiva, permitindo gerar infinitos enunciados dentro dela e articulando rigorosamente língua e historicidade. A competência discursiva é, portanto, um sistema de restrições semânticas que possibilita a produção e interpretação coesa do discurso. Baronas e Ponsoni (2019) a consideram uma ideia-força central na análise de Maingueneau, essencial para compreender coerções semânticas e cenas de enunciação.

Gênese dos discursos, em seu terceiro capítulo, “Uma semântica global”, propõe uma análise integradora, rejeitando a segmentação do discurso em níveis isolados e defendendo que diversas

dimensões textuais são regidas por um mesmo sistema de restrições semânticas globais. Para demonstrar isso, Maingueneau explora sete planos discursivos interligados. Primeiramente, o plano da *intertextualidade* não se limita aos fragmentos citados (intertexto), mas abrange as regras específicas que legitimam como um discurso mobiliza e se relaciona com outros textos, construindo seu próprio passado textual. Em seguida, o plano do *vocabulário* foca não em um léxico exclusivo, mas nas explorações semânticas particulares que diferentes discursos fazem de unidades lexicais comuns, dando ênfase às redes de sentido e palavras-chave estruturadas pelas restrições.

Quanto aos *temas*, o essencial não é “aquilo de que se fala”, mas sim o tratamento semântico específico que recebem dentro da formação discursiva, sempre em consonância com as coerções globais. A análise também abarca o *estatuto do enunciador e do destinatário*, observando como o discurso constrói imagens e papéis específicos para quem enuncia (definindo uma “vocação enunciativa”) e para quem se dirige, dando forma à relação entre eles. De forma complementar, a *dêixis enunciativa* concerne ao modo como o discurso situa enunciador e destinatário no tempo e espaço discursivos, sendo igualmente regida pelas restrições semânticas interdiscursivas. Além disso, o *modo de enunciação*, ou seja, a “maneira de dizer” característica de um discurso, que inclui o *tom*, obedece às mesmas restrições do conteúdo; aqui Maingueneau introduz a ideia de *incorporação*, descrevendo a imbricação entre discurso, corpo e voz do enunciador, e a constituição imaginária do destinatário. Finalmente, o *modo de coesão* diz respeito à maneira particular como um discurso articula suas partes internas, abrangendo tanto a segmentação da realidade (recorte discursivo) quanto os encadeamentos lógicos e argumentativos.

Por considerar esses sete planos como manifestações interconectadas de um mesmo sistema de restrições, a semântica global de Maingueneau visa apreender a significância discursiva em sua totalidade, superando a dicotomia entre superfície e profundidade discursiva. Souza-e-Silva e Rocha (2009) destacam que essa abordagem evidencia que todos esses planos derivam das mesmas coerções fundamentais que regem os discursos. Motta (2008) elogia a recusa de Maingueneau de uma concepção arquitetural que buscava uma estrutura profunda oculta, valorizando o tecido textual em sua integralidade, em uma crítica que ecoa a do filósofo J. Derrida. Motta (2008) também ressalta que a discussão do modo de enunciação, ao conectar o tom e a noção de *héxis* de P. Bourdieu, estabelece bases importantes para a análise do *éthos* discursivo, um conceito central na trajetória posterior de Maingueneau.

No quarto capítulo, “A polêmica como interincompreensão”, Maingueneau redefine a polêmica não como simples controvérsia, mas como uma relação fundamental entre duas

formações discursivas concorrentes. Sua essência reside, como já visto, na interincompreensão regulada: cada discurso, ao confrontar o “Outro”, o traduz para seu próprio sistema semântico, criando um simulacro, uma representação filtrada pelas restrições semânticas globais do “Mesmo”. A polêmica torna-se, assim, um processo constitutivo do sentido e da identidade discursiva, emergindo dessa dinâmica de (inter)interpretação e reconfiguração do discurso alheio. Maingueneau destaca que essa confrontação perpassa todas as dimensões da semântica global. Ao citar o “Outro”, um discurso incorpora não apenas conteúdo, mas também seus estatutos enunciativos, modo de enunciação e intertextualidade pressupostos, evidenciando o choque entre universos semânticos distintos. A polêmica funcionaria como uma “homeopatia pervertida”, neutralizando a alteridade ao representá-la de forma controlada, anulando sua genuinidade. Longe de ser secundária, essa interação é determinante para a produção e expansão dos discursos.

Conforme esclarecem Souza-e-Silva e Rocha (2009), essa concepção – em que um dado discurso define sua identidade ao mesmo tempo que constrói uma representação filtrada do antagonista – evidencia a prioridade que Maingueneau confere à interdiscursividade. Aqueles autores também ponderam, ao analisar a obra, se a noção de simulacro não poderia simplificar excessivamente a complexidade das relações interdiscursivas, obscurecendo potencialmente as influências mútuas entre as formações.

No quinto capítulo dessa obra, intitulado “Do discurso à prática discursiva”, propõe-se uma articulação inovadora entre discurso e instituição, superando a visão que os separa. Afirma Maingueneau que a transição entre discursos acarreta modificações nos grupos e nas estruturas institucionais que os sustentam, vínculo analisável por meio das restrições semânticas de cada formação. O autor critica abordagens puramente externalistas, defendendo que a instituição não é mero cenário, mas parte constitutiva da prática discursiva. Maingueneau mergulha nessa conexão examinando aspectos “acima” da enunciação (ritos genéticos, vocações enunciativas) e “abaixo” (modos de consumo textual), argumentando que a produção, a difusão e a recepção são regidas pelas mesmas coerções semânticas globais. Ele demonstra como diferentes formações discursivas acarretam diferentes modos de organização e práticas sociais.

Maingueneau, nesse capítulo, explicita que a instituição está integrada à prática discursiva por um sistema de restrições que regula tanto o texto quanto a organização, analisando assim “tudo do que se compõem as práticas discursivas” (Motta, 2008, p. 388). Souza-e-Silva e Rocha (2009) ressaltam a originalidade dessa abordagem, que recategoriza a prática discursiva ao vincular texto, grupo e consumo em um modelo coeso, permitindo entender, por exemplo, a articulação entre a pedagogia e a instituição jesuíta. Ainda que o modelo seja robusto para análises

históricas, pode-se refletir sobre a real capacidade de sua adaptação a contextos contemporâneos de produção de discursos mais fluidos e plurissemióticos. O capítulo, no entanto, consolida a ideia, hoje consensualmente disseminada, de que a discursividade se entrelaça com dinâmicas sociais concretas.

No penúltimo capítulo, “Uma prática intersemiótica”, argumenta-se que o sistema de restrições semânticas que define uma formação discursiva não se limita a gerar enunciados verbais. Pelo contrário, pode reger produções em outros domínios semióticos, como o pictórico ou musical, desde que pertençam à mesma prática discursiva. A premissa é que a formação discursiva organiza o sentido, não apenas a língua, permitindo uma visada intersemiótica.

Essa extensão implica que a competência discursiva também se aplica a atores sociais como pintores ou músicos que operam dentro da mesma prática. Eles compartilhariam, tacitamente, a mesma rede de regras semânticas, permitindo-lhes produzir obras coerentes com a formação discursiva e reconhecer a (in)compatibilidade com produções de discursos antagônicos. A análise de uma obra não linguística, portanto, envolveria verificar sua conformidade tanto com as condições genéricas legitimadas pela prática (o tipo de produção aceitável) quanto com as restrições semânticas específicas da formação discursiva pertinente. Isso possibilita que se reavaliem criticamente as associações intuitivas, como classificar Georges de la Tour como um “pintor jansenista” sem analisar detidamente o tratamento semântico de suas obras em relação aos enunciados jansenistas.

Em “Um esquema de correspondência”, o sétimo e último capítulo da obra resenhada, Maingueneau aborda a relação entre os discursos e seu contexto sócio-histórico, tangenciando a problemática da ideologia. Reconhecendo a falta de uma teoria unificada, o autor propõe analisar essa conexão através de “esquemas de correspondência”. Em vez de buscar uma relação causal direta ou um mero reflexo, ele propõe que se investiguem isomorfismos entre o sistema de restrições semânticas de um discurso e séries exteriores (políticas, científicas, sociais). Essa abordagem assume certo agnosticismo teórico, focando na descrição dessas ressonâncias estruturais.

Maingueneau afasta-se tanto de uma análise puramente formalista, que isola o texto, quanto de uma sociologia externalista que ignora as especificidades discursivas. Tal como destaca Motta (2008), Maingueneau posiciona-se contrariamente à redução do discurso a um mero “espírito de época”. No lugar disso, ele busca entender como formações discursivas específicas se articulam com dinâmicas históricas concretas.

A originalidade da proposta maingueneana repousa em tratar discursos “abstratos” (filosóficos, literários) e produções contextualmente mais imediatas dentro da mesma rede de coerções semânticas e suas correspondências externas. Souza-e-Silva e Rocha (2009) realçam como essa abordagem redefine a prática discursiva ao vincular intrinsecamente texto, grupo, instituição e modos de consumo sob as mesmas restrições.

Contudo, acredita-se que a abordagem também possa enfrentar críticas. Sua própria cautela teórica, ao evitar generalizações sobre os mecanismos precisos da correspondência, pode ser vista como uma limitação, restringindo-se a exemplos pontuais sem avançar em um modelo explicativo mais robusto sobre como essas ressonâncias operariam. Motta (2008) aponta ainda algumas lacunas, como a pouca atenção dada a discursos religiosos contemporâneos. Apesar disso, a contribuição fundamental de Maingueneau nesses capítulos finais é consolidar a visão de que a discursividade não é um epifenômeno da história, mas um componente ativo numa dinâmica em que textos e contextos se constituem mutuamente.

Produzido nos anos 1980, *Genèses du discours* inaugurou as hipóteses fundadoras da análise enunciativa de Maingueneau, articulando-se a obras posteriores como *Cenas da enunciação* (1997) e *Discurso literário* (2006). Nele, o autor formula uma semântica global que integra vocabulário, temas e outros aspectos intra- e extradiscursivos sob um sistema único de coerções, demonstrando a primazia do interdiscurso sobre discursos isolados. Como salientam Baronas e Ponsoni (2019), a obra estrutura um percurso epistemológico coerente, do estudo de formações discursivas históricas à análise de fenômenos multimodais, perfazendo-se como pedra angular da teoria maingueneana. A abordagem, ampliada em obras mais recentes, como *Discurso e análise do discurso* (2015), revela-se apta a investigar desde corpora religiosos do século XVII até práticas digitais contemporâneas, mantendo-se central na análise do discurso.

A relevância da obra repousa, então, em sua capacidade de fornecer ferramentas para examinar discursos complexos, como apontam Lima (2014) e Souza-e-Silva e Rocha (2009): ao romper com dicotomias reducionistas (superficial e profundo, abstrato e histórico), Maingueneau põe em evidência que todo discurso é inseparável de sua inscrição sócio-histórica, sem reduzi-lo a mero reflexo ideológico (Motta, 2008). Seu modelo de prática discursiva é fértil para investigar fenômenos como a viralização em redes sociais, em que a “deriva irrepresável dos sentidos” (Motta, 2008, p. 390) exige análises que integrem linguagem, tecnologia e subjetividade. Dessa maneira, *Gênese dos discursos* não apenas renovou a análise do discurso em seus primórdios, mas segue inspirando pesquisadores a repensar princípios e metodologias em um mundo de discursos

sincréticos e instáveis, confirmando sua capacidade de lidar com os desafios contemporâneos desse campo.

REFERÊNCIAS

- ARCANJO, F. Á. A especificidade do campo da análise do discurso e a concepção de sujeito. *In*: MATTOS, E. *et al.* (org.). **Percursos acadêmicos e debates interinstitucionais**: pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 193-202.
- BARONAS, R. L.; PONSONI, S. Uma análise de discurso de base enunciativa: notas de leitura sobre o percurso epistemológico de Dominique Maingueneau. **Heterotópica**, Uberlândia (MG), v. 1, n. 1, p. 85-107, 2019.
- LIMA, F. F. P. Um olhar sobre o prefácio de uma gênese dos discursos. **REVELLI: Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, Inhumas (GO), v. 6, n. 2, p. 96-97, 2014.
- MAINGUENEAU, D. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas (SP), n. 19, p. 65-74, 1990.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D. Gênese dos discursos. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Resenha de: SOUZA-E-SILVA, M. C.; ROCHA, D. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, [s. l.], v. 7, n. 13, p. 1-25, 2009.
- MARINHO, I. F. Análise do discurso francesa: alguns conceitos fundamentais. **Colineares**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 35-45, 2019.
- MOIRAND, S. Retour sur l'analyse du discours française: suivi de quelques réflexions sur une sémantique du discours en construction. **Pratiques** [en ligne], Metz (França), n. 185-186, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/8721>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- MOTTA, A. R. Resenha de: MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005. **D.E.L.T.A.**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 385-392, 2008.



Fábio Luiz Nunes

Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br.

Recebido: 15 de março de 2025.

Aceito: 7 de maio de 2026.